

AVENÇA

A REGENERAÇÃO

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro
Composição, impressão e Redacção na
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

O nosso voto...

MAIS um ano que se perde para sempre na roda do tempo. Mais um ano que surge para a vida dos séculos.

Ao enfrentarmos 1941, em todos os corações abre em flôr a esperança entusiasmada de que o ano que vem, seja bem melhor de que o que se foi.

E' que o balanço geral de 1940 por maior benevolência que com ele se queira usar, não pode deixar de ser tremendamente acusador para o ano que há pouco desapareceu. Foi de facto, durante 1940 que o Mundo conheceu algumas das piores horas, alguns dos seus mais trágicos dias.

A solidariedade cristã que, nos obriga a sofrer com os outros os males que aos outros afligem, abriga-nos evidentemente a termos o ano de 1940 como um trágico para a vida da Humanidade.

No entanto se quizermos analisar o ano que passou apenas à luz da vida nacional, temos de confessar não possuímos grande razão de queixa contra ele.

Se bem que sofrendo algumas consequências inevitáveis do sangrento conflito que envolve e enlata a Europa, as nossas dificuldades nada foram, de nada valeram se as compararmos com os tremendíssimos sofrimentos dos outros povos.

A mais disso, gosando o bem inegalável desta zona de Paz nós pudemos realizar completamente as comemorações do Ano Aureo, pudemos celebrar os oito séculos da vida gloriosa e benemérita da nossa Pátria.

Mas, como se tudo isto fôsse pouco, pudemos também continuar sem qualquer solução de continuidade o nosso Resurgimento, a obra de renovação social que, há mais de uma década vimos realizando serena e tranquilamente.

Ao olhar o ano que se foi se não podemos achá-lo nem simpático nem benéfico pelo muito que aos outros fez sofrer, temos, no entanto que agradecer a Deus, os muitos benefícios que durante ele nos proporcionou.

E' principalmente o maior de todos: o de ter feito com que os portugueses continuassem unidos como um só homem em redor de Carmona e Salazar levando a cabo com a maior seriedade e decisão, a grande obra de Renovação nacional que, nos impõe à consideração do Mundo e faz o nosso melhor e mais justo orgulho.

Ante o novo ano que chega, resta-nos apenas pedir à Providência que se não der ao Mundo dias mais felizes que os passados, ao menos conserve a Portugal a vida calma, quieta e progressiva que caracterizou o passado de 1940.

Socorro às regiões inundadas

As inundações que neste inverno de 40-41, particularmente rigoroso, atingiram diversas regiões do país, sacrificaram em especial o Ribatejo e por isso altas personalidades da província foram a Lisboa expôr ao sr. engenheiro Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas, a situação angustiosa em que se encontram os habitantes da região e os rurais que ficaram sem trabalho.

A pronta solução dada ao assunto está bem na tradição do Estado Novo em semelhantes matérias. O ilustre titular da pasta das Obras

Públicas e Comunicações determinou a participação imediata em todas as obras pedidas pelos Corpos Administrativos daquela região, incluindo as que se projectavam realizar no ano de 1941, e a urgente execução pela Junta Autónoma das Estradas de trabalhos já estudados e orçados; e entregou ao respectivo Governador Civil a quantia de 150 contos para, em participação com a Junta de Província do Ribatejo e as Câmaras Municipais, acudir aos rurais que ficaram impedidos de exercer a sua actividade.

Assim o Governo acode prontamente às situações anormais, protegendo com energia o bem estar de todos os portugueses.

Portugal — Parque Infantil da Europa

«Salvemos as crianças, vítimas da guerra — porque é a própria Raça e própria Civilização que salvaremos!»

Tal é o grito generoso que se lançou nas páginas do «Diário de Notícias», onde também se lê:

«Porque não pedir a adopção, em todos os países em guerra, de *ciudades-abrigos* onde possam em segurança refugiar-se as crianças expostas a perigos imediatos? Porque não solicitar e obter que em Portugal, se crie um centro internacional de protecção às crianças, de distribuição, permitida pelos Governos beligerantes, de alimentos exclusivamente destinados às populações infantis, transportados sob uma garantia, oficialmente reconhecida, do seu exclusivo fim benemérito?»

Todo o Portugal se transformaria num grande parque infantil, no parque infantil da Europa onde as crianças de todas as nações em guerra esperariam na paz que passasse o ciclone...

E amanhã, para todos os homens, o nome de Portugal evocaria uma grata imagem: a imagem calma do cantinho da Europa onde as crianças nunca terão conhecido a fome, nem os bombardeamentos aéreos.

Portugal, que noutros tempos levou, com os ideais europeus, a fé de Cristo a bárbaras e desconhecidas terras, agora contribuiria assim, cristãmente, para a reconstrução da Europa—salvando as crianças e preparando-as na nossa paz para as resgatadoras Jornadas da paz no mundo.

«Acutelemos e preparemos o futuro»

O apêlo do «Diário de Notícias» a favor das crianças das potências beligerantes encontrou eco imediato e profundo no coração do Cardial Patriarca de Lisboa. São dêle as palavras que seguem:

«Considero o apêlo muito oportuno e inteiramente digno do apoio de todos os que desejam salvar o que ainda fôr possível da fogueira que parece queimar tudo. Aplaudo o e louvo-o, fazendo os mais ardentes votos por que êle ecôe e seja entendido, sobretudo nos corações de todos aquêles de quem depende a palavra decisiva para dar imediata realização a tão humano e generoso pensamento. Já que não podemos salvar o presente, acutelemos e preparemos o futuro.»

E' na verdade o futuro da Europa que importa agora salvar—o futuro duma Europa que as

Linguagem de Verdade

E' um documento notável, honra da política e dum sistema, o relatório do Orçamento Geral do Estado para 1941.

Sendo o segundo elaborado durante a actual guerra é por outro lado o primeiro que traz a assinatura do sr. dr. Costa Leite, ilustre ministro das Finanças.

Mantendo absolutamente as directrizes dadas por Salazar à nossa política financeira, o novo Orçamento não só apresenta como de costume um são e claro equilíbrio, como ainda prevê um «superavit» apreciável.

No que, porém, o novo Orçamento melhor se afirma é na disposição de, acima das contingências do actual momento, continuar, sem desfalecimentos, a política financeira que tem sido a característica melhor da Revolução Nacional.

Mas, para tal se fazer, prossegue-se na tão louvável «política de verdade» que tem sido timbre de toda a acção do Estado Novo. Fala-se a todos os portugueses uma linguagem de decisão, que, se não é, evidentemente, derrotista, não é também de optimismos que estariam fora de vista e termo em momento tão difícil e precário como o actual.

Em expressões sóbrias não se ocultam as dificuldades, como se não esconde a importância dos sacrifícios que possivelmente se terão de pedir.

O sr. ministro das Finanças sentiu que tudo o que não fosse falar a mais límpida e sereza linguagem de verdade seria mal-servir a Revolução Nacional.

No entanto em todo o importante documento sente-se perpassar a mais alta e forte confiança nos destinos de Portugal, na missão renovadora do Estado Novo e no patriotismo dos portugueses.

E é essa alta e forte confiança que a todos nós nos dá a certeza de que, sejam quais forem as dificuldades que as horas tristes do presente nos reservem, duma coisa todos podemos estar certos; é que defendendo a Nação e os nossos interesses, estão Salazar e o seu governo.

Todos os portugueses sentem que hoje, mais do que nunca, todos temos obrigação, e além de obrigação, até conveniência em formar à roda dos Chefes como um só homem, como uma só vontade.

Que o seu pensamento seja o nosso pensamento, que a sua acção seja a nossa acção e poderemos encarar resolutamente o futuro seja ele qual fôr.

místicas asiáticas espreitam e ameaçam!

Na expressão do Cardial Patriarca. «Portugal é, na Europa, o promontório da paz». Por consequência lugar próprio para iniciar a mais difícil e mais audaciosa ofensiva — a ofensiva «do congraçamento e da solidariedade.»

Já que os homens estão em guerra—façamos ao menos com que as crianças se façam homens na paz, para que na paz reconstruam depois esta Europa que se vai convertendo num triste campo de ruínas!

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Dr. Simões Barreiros

Foi a Lisboa na corrente semana o nosso director sr. dr. Simões Barreiros, presidente da Câmara e Procurador à Câmara Corporativa.

Dr. Marreca

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o sr. dr. Marreca, distinto médico em Castanheira de Pera, que vinha acompanhado de seu sogro sr. Alberto Coelho.

Estrada de Chimpeles

Pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações, direcção dos Melhoramentos Rurais, foi concedido o subsídio de 21.803\$00 para o empedramento da estrada Municipal de Chimpeles, troço construído entre Aldeia de Ana de Aviz e Aldeia da Cruz.

Correspondências

Lembranças da Terra
Graça—de Pedrógão

Vila Facaia

Bom tempo — Até que enfim se desanuiu o céu — e um sol límpido de refulgente fulgor veio animar a Natureza expectante que jazia num estado de mórbida letargia, insuflando concomitantemente vida ao mundo dos animais e das coisas, num prodígio de super-actividade que assombra o espírito mais obscuro.

Não tarda, pois, que os salgueiros e muitas outras árvores da nossa região—de precoce florescência, — nos mimoseiem com as suas flores, emprestando à paisagem um encanto sugestivo.

As abelhas que, por motivo dum inverno intempestivo e enfermigo têm vivido enclausuradas no seu cortiço rude e primitivo,—ao dealbar dum sol rutilante e acariciador — acordam para a luta intensiva da vida—como exemplares sinicos do mundo de Lineu—espalhando-se no *mare magnum* dos montes de mato florido, sugando o nectar que há de transformar-se em mel.

As campinas crestadas pela geada e neve, em breve se transmudarão em retalhos verdejantes onde os rebanhos famintos e de aspecto esqualido saciarão a sua fúla.

E' a vida que desperta—sob um sol vivificante.

Falecimento duma macróbia—No lugar dos Pobrais, desta freguesia, faleceu—sr.a Luiza Carvalho, viuva, tecedeira, de 107 anos de idade.

A falecida só há 5 anos deixou de tecer no seu tear manual, — e nestes últimos tempos — perdeu o uso das suas faculdades mentais.

Não há recordação de nesta freguesia, ter falecido uma pessoa de tão avançada idade.

Paz à sua alma!

Estrada—Ultimamente intensificaram-se os trabalhos de construção da estrada municipal de Lamaieira — Vila Facaia, que, em virtude da invernia, estavam paralisados.

Telefone — Estiveram nesta localidade, os Engenheiros electrotécnicos — que vieram vistoriar o local onde se pretende montar a cabine pública—e a melhor localização dos postes dentro da povoação. Lavra grande regosijo entre os habitantes desta freguesia—pela ligação telefónica.

CASAMENTO

No dia 4 do corrente mês de Fevereiro, realizou-se nesta vila o casamento do sr. José Conceição Alves, comerciante, com a menina Maria Augusta da Conceição Costa, filha do sr. José Gomes da Costa, do vizinho lugar do Châvelho.

Foram padrinhos por parte da noiva o sr. José Antunes Gomes e sua esposa, e por parte do noivo o sr. Augusto Jorge e a mãe do noivo a sr.ª Maria da Conceição Alves Nunes.

Entre outras pessoas e a família, acompanharam os noivos, os irmãos da noiva srs. Augusto Gomes da Costa e Manuel Gomes da Costa que para assistir ao acto vieram expressamente de Lisboa, onde se encontram estabelecidos.

Aos noivos deseja «A Regeneração» uma prolongada lua de mel e um futuro cheio de todas as prosperidades de que são dignos.

E' pequenina a nossa terra. Esta Graça, canteiro da natureza. Entre Figueiró e Pedrógão à beira Zézere plantada, é um viveiro sempre viçoso de pinhais, salpicado de milheirais verdejantes, ondulado ao vento como escuro canalial povoado de antigas fadas e guardado de gratas feiticeiras.

O pinheiro vetusto habitante dos montes, o milho, inquilino do vale, petrificam-se em frente da povoação, a admirar as baixas e arredondadas oliveiras, amigas inseparáveis, quantas vezes, as únicas confidentes do viver simples e tranqüilo da nossa aldeia campesina ou sertaneja.

Como na velha Roma, cada casa tem seu quintal ou horta, a sua ombreira e o seu lar.

Por entre o vão das telhas fuliginosas ou através dos negros dentes dalguma chaminé que o modernismo semeou por aqui e por ali, escapa-se o branco fumo que se esvaia e perde no claro-azul do firmamento. Na lareira crepita o lume, alegria e conforto da família, recordando a sagrada chama, que na clássica Grécia ardia em honra à Divindade e memória ao antepassado.

Nãoousemos entrar. Lá dentro reúne-se a família, fruto do amor, bálsamo de virtude. A vida simples e modesta é sã e bela! O comodismo citadino, o luxo das capitais e o modernismo do nosso século (para não dizermos o feminismo da nossa época) ainda não profanaram o viver puro e cristão da nossa terra.

O pedantismo, Parisiense, a corrupção Babilónica e a velha gastronomia Sibarita ignoram e desconhecem por completo, este pequenino torrão, recordação da vida simples mas heroica dum Portugal passado, e esperança duma vida modesta mas pura dum Portugal novo.

O proceder constante dos nossos conterrâneos e a modificação continua desta graça dizem ao turista, que passa absorvido na sua beleza e arte natural «*spes nostra, labor*», a nossa esperança está no trabalho.

O lavrador, jardineiro cuidadoso dos seus campos, vigia fiel das suas sementeiras guarda atento das suas colheitas, faz desta região suave e caprichosamente acidentada, uma ceara onde verdeja o milho, pão da nossa terra, o campo onde vinga a videira, a alegria do nosso povo, o canteiro onde florescem pomares, consolação e esperança dos pequeninos.

Pelas encostas, branquinhas ovelhas retoucam pacientemente, enquanto o irrequieto garoto salta pelos valados ou corre pela poeirenta estrada.

Um minuto de silêncio... Ouvimos o raspar apressado — leve, e sentimos passos velozes e descompassados. Olhemos: — um homem, robusto e novo, num movimento largo e experimentado, renova a ferida daquela árvore que nos dá a resina que hoje é o sangue da nossa terra. Voltemos a atenção para a estrada. Uma nuvem de pó eleva-se a perder no ar. E mais perto, distinguimos um rebanho de gado lanigero ou caprino escoltado por incansáveis homens, negociantes que chegam ou se dirigem aos mercados ou feiras das regiões vizinhas.

Nisto se resume a actividade dos nossos conterrâneos. Agricultura inspiradora do velho Virgilio, sempre prometedora e muitas vezes rica, a indústria resinosa largamente

Ministério da Economia
Junta Nacional dos Resinosos

Campanha de 1941

RESINAGEM DE PINHAIS

(DECRETOS N.os 28:192 E 30:254)

1) — As dimensões máximas das feridas para resinagem são, no ano de 1941, as seguintes:

Largura	11	centímetros
Profundidade	1,5	»
Altura:		
1.º ano	50	»
2.º »	55	»
3.º »	55	»
4.º »	60	»
Total	220	»

Na medição da largura das feridas é sempre admitida a tolerância máxima de 1 centímetro e na medição da profundidade a de meio centímetro

2) — Não poderão fazer-se presas de dimensões inferiores a 10 centímetros, nem resinar pinheiros com menos de 30 centímetros de diâmetro na altura do peito (a 1m,30 do solo), salvo neste último caso, quando se trate de árvores para desbastes ou corte final.

E' ainda permitido resinar pinheiros com menos de 30 e mais de 25 centímetros de diâmetro na altura do peito (a 1m,30 do solo) desde que a exploração para resinagem desses pinheiros tenha sido iniciada antes de 1940.

3) — Salvo quando se trate de árvores para desbaste ou corte final, não poderão fazer-se novas feridas na base de cada pinheiro sem que as anteriores tenham sido exploradas pelo menos durante 3 anos, mas a exploração do primeiro ano de uma nova ferida deve ser simultânea com a do quarto ano da ferida anterior; podem, no entanto, explorar-se simultaneamente duas feridas no mesmo pinheiro, independentemente dessa restrição, quando elle tenha atingido 40 centímetros de diâmetro na altura do peito (a 1m,30 do solo).

4) — Pelas feridas praticadas em contravenção do disposto nos n.ºs 1, 2 e 3 serão responsáveis:

a) — os industriais de produtos resinosos, quando os trabalhos de resinagem estejam sendo efectuados por capatazes ou empreiteiros inscritos na Junta a seu pedido ou por quaisquer pessoas que trabalhem por sua conta e sob as suas ordens;

b) — todas as pessoas que, embora não inscritas na Junta, estejam procedendo a trabalhos de resinagem;

c) — Os proprietários dos pinhais que os estejam resinando por sua conta.

5) — Os responsáveis incorrerão numa multa nunca inferior a 1\$00 por cada ferida ilegalmente praticada, podendo esta multa—tratando-se de industriais inscritos na Junta—ascender a 50.000\$00.

Lisboa, 23 de Dezembro de 1940.

Junta Geral dos Resinosos

Rua Mousinho da Silveira, 34

LISBOA

Agradecimento

João de Carvalho, Manuel Simões de Abreu, João da Conceição, José da Conceição, ausente, Natália da Conceição Carvalho, Guilhermina da Conceição Damião, no desejo de não cometerem qualquer falta vêm, por este meio, agradecer muito reconhecidamente, a todas as pessoas que de qualquer modo se interessaram pela sua sempre chorada sogra e mãe Maria da Conceição e bem assim agradecem a todos que a acompanharam à sua última morada. A todos, a sua eterna gratidão

res a paz prepara a guerra. Raiou a aurora do «28 de Maio». O movimento de ressurgimento e renovação lavra por todo o nosso Portugal e estende-se a toda a parte. Talvez possamos, cu melhor, devemos afirmar que a nossa Graça pequenina mas laboriosa, modesta mas portuguesa sentirá dentro em breve essa renovação e ressurgimento do Estado Novo, obra dum homem, produto dum Ministro, Salazar.

Fernandes Neves

Dr. Artur Nunes David

Depois de alguns meses afastado da presidência da Câmara de Pedrógão Grande, por motivo de doença, reassumiu de novo as suas funções o sr. dr. Artur Nunes David, digno conselheiro do registo civil naquelle concelho.

Comendador Cesário Neves

Vai ausentar-se temporariamente para o Brasil o sr. Comendador Cesário Neves, grande proprietário e um dos melhores beneméritos de Alvaiázere.

Ao sr. Comendador desejamos-lhe optima viagem e que o seu regresso se não faça demorar muito.

Manuel Alves Cepas

Reassumiu as funções de presidente da Câmara de Castanheira de Pera o sr. Manuel Alves Cepas, industrial de lanifícios, naquêlê florescente concelho.

REVISTA «TURISMO»

Revista «Turismo», de que é Director o sr. António Pardal, publicou um esplêndido número do fim do ano, em papel cochê, com bela fotografia e uma capa do distinto ilustrador Bernardo Marque.

Entre a escolhida; colaboração literária destacam-se produções dos srs. Assis Esperança, Julião Quintinha, Cezar dos Santos, Beatriz Dolgado, Celeste Harrison, Ludovina de Matos, Maria de Oliveira Guedes, Santana Quintinha, Dr. Roberto das Neves, Pessidonio Graça e Joaquim da Rocha.

Publica fotografias artisticas de Frederico Benache e Firmino do Carmo e desenhos de Lu z Campos. E' um excelente e bem cuidado número que continua a manter a Revista «Turismo» a par das melhores publicações no seu género.

FALECIMENTOS

No passado mês de Janeiro, faleceu no vizinho lugar do Bairrão, o sr. Luiz da Silva, antigo ferreiro e muito conceituado naquela povoação.

Era pai do nosso amigo e assinante sr. Manuel da Silva, da Aldeia da Cruz e tio da sr.a D. Alice Monteiro da Silva, desta vila.

— Também faleceu nesta vila, no dia 1 do corrente mês de Fevereiro, com 88 anos de idade, a sr.a Maria da Conceição, sogra do nosso amigo e assinante sr. João de Carvalho.

— Em Fafe faleceu no principio desta semana o sr. José Victorino Rodrigues, proprietário e nosso assinante.

Era pai da professora do vizinho lugar do Bairrão, ex.ma sr.a D. Dinora de Castro Rodrigues.

A's famílias enlutadas «A Regeneração», apresenta sentidas condolências.

EDITAL

Acúrcio Rodrigues Portela, Secretário, servindo de Presidente da Junta de Freguesia de Figueiró dos Vinhos.

Faz público que, de harmonia com o estatuido no Art.º 16 do Decreto-Lei 29.995. de Agosto de 1937, a partir de 1 de Fevereiro e até 15 de Março próximo, poderão os chefes de família desta freguesia requerer a sua própria inscrição ou a de terceiros, quando um ou outros não estiverem inscritos nos respectivos cadernos e reunam as condições de capacidade eleitoral defendidas naquêlê Decreto-lei.

Para constar se lavrou o

ANUNCIO

Comarca de Figueiró dos Vinhos
Faz-se saber que no dia vinte e sete do próximo mês de Fevereiro, pelas doze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão á primeira praça para serem arrematados por qualquer preço oferecido além do indicado os prédios abaixo descritos e penhorados nos autos de execução por custas, que na comarca de Pombal o digno agente do Ministério Público move a Armando Joaquim da Silva e sua mulher Silvina Godinho, proprietários residentes no lugar de Abruñeira, desta comarca.

Prédios a praeear
O direito e acção a cada terça parte dos prédios seguintes: Terra de sementeira de rega no Sobral do Chão, partindo do nascente com António Simões Vinagre, poente e sul com António Simões e nascente com o Ribeiro, inscrita na matriz sob os artigos 29.684 e 7.743-112, vai á praça no valor de 60.569

Pousio com cinco oliveiras sito nas Relvinhas, partindo do nascente com José Simões, poente e sul com António Godinho e norte com Germano Godinho inscrita na matriz sob o artigo 8.062, vai á praça no valor de 3.533

Pousio com oliveiras sita ao val Sobreirinho, parte do nascente com Francisco Domingos, poente com Manuel Lopes, norte com Manuel Lopes e sul com herdeiros de Manuel Simões Parente, inscrito na matriz, sob o artigo 8054-114 vai á praça no valor de 2.518

Tojeira de mato, no sitio das Tapadinhas, que parte do nascente e sul com Martinho Mendes Sousa, norte com Manuel Mendes Carinhas e poente com Manuel Mendes Godinho inscrita na matriz sob o artigo 8.138-114 e vai á praça no valor de 3.549

Pousio com oliveiras no Pujal partindo do nascente com herdeiros de José Simões, sul com Manuel Mendes Godinho, norte e sul com Manuel Francisco da Silva, inscrita na matriz sob o artigo 8.095 112 com o valor de 27.507

Terra de sementeira de seca na Abruñeira, parte do nascente e sul com a estrada, poente com Martinho Mendes Sousa e do norte com António Mendes Simões, inscrita na matriz sob o artigo 29.973, e vai á praça em 24.545

Pousio com oliveiras nos Caspinhais, parte do nascente com Manuel Mendes, poente com Martinho Mendes Sousa e do sul com António Curado Nascimento, inscrito na matriz sob o artigos 8.717-114, 8.724, 8.705 e 8.722-113 vai á praça no valor de 54.558

Tojeira de mato ao Val Carril, parte do nascente com o baldio do Cereal, poente com herdeiros de Manuel Simões Parente, norte com António Simões Vinagre e sul com António Mendes Simões, inscrito na matriz sob o artigo 8.689 e vai á praça no valor de 32.531

Pousio com oliveiras no Val Penela, partindo do norte com António Godinho sul com o Ribeiro, nascente com Manuel Mendes e poente com Manuel Mendes, inscrito na matriz sob o artigo 6.728; vai á praça no valor de 32.531

Terra de rega na Horta da Vinha, partindo do nascente com Manuel Simões Rosa, sul com o ribeiro, norte com Manuel Mendes e poente com José Mendes, inscrito na matriz sob o artigo 8.565; vai á praça no valor de 33.533

Terra de sementeira de seca e mato no Val da Fonte, partindo do nascente com António Mendes, norte com Manuel Mendes Carinhas e sul com a estrada Pública, inscrita na matriz sob o artigo 8.313, vai á praça em 12.522

Terra de sementeira mato e pinheiros no Rabassal, partindo do norte e sul com Joaquim Domingos, poente com António Curado do Nascimento e nascente com António Curado, descrito na matriz sob o artigo 8.427; e vai á praça no valor de 140.500

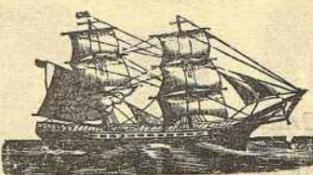
O direito e acção a uma sexta parte de uma Tojeira de mato na Lomba, partindo do nascente com o baldio do Cereal poente com herdeiros de José Simões, norte com José Mendes e sul com Manuel Lopes, inscrito na matriz sob o artigo 8.343-112, vai á praça no valor de 9.560

Todos estes prédios estão descritos na Conservatória do Registo Predial respectivamente sob os números: 29.968, 29.969, 29.970, 29.971, 29.972, 29.973, 29.974, 29.975, 29.976, 29.977, 29.978, 29.979, 29.980.

Figueiró dos Vinhos, 30 de Janeiro de 1941.
O chefe da 2.ª Secção
Jaime Ribeiro Suenza
Verifiquei a exactão
O Juiz de direito—*Machado Themudo*
Jornal «A Regeneração» n.º 526 de 15 de Fevereiro de 1941

presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais publicos e do costume.
Figueiró dos Vinhos, 24 de Janeiro de 1941.

O Secretário, servindo de Presidente da Junta
Acúrcio Rodrigues Portela



Agência de passagens e passaportes DE António Rodrigues
Legalmente habilitado pelo distrito de Lisboa
Vende passagens para toda a parte do mundo. Assim como trata de todos os documentos de embarque e militares e tira passaportes

Todas as pessoas que desejem embarcar para qualquer parte, devem procurar esta agência porque é a que mais barato vende passagens e com mais seriedade e rapidez trata de toda a documentação e responde a toda a correspondência 12.8

Travessa Nova de S. Domingos, 16, 1.º-E. — LISBOA
(A' Praça da Figueira) **Telefone 27998**

Anúncio
COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS
Éditos de 30 dias
(2.ª Publicação)

Faz-se saber que correm éditos de 30 dias, citando o requerido Afonso Pita Grós, residente na Trv. D. Vasco, n.º 36, 2.º, direito da cidade de Lisboa, para no prazo de cinco dias, findo que seja o dos éditos, e a contar da segunda e última publicação deste anuncio, constatar querendo, o pedido de assistência judiciária requerido por sua mulher Celeste da Encarnação Antunes residente no lugar da Derreada Fundeira, desta comarca, a-fim-de contraaquele seu marido requerer a competente acção de divórcio litigioso.
Figueiró dos Vinhos, 16 de Janeiro de 1941.

O Secretário
Joaquim José da Conceição Júnior
Verifiquei
O Presidente da Comissão de Assistência Judiciária
Lacerda e Costa
Jornal «A Regeneração» n.º 526 15 de Fevereiro de 1941

Abílio da Conceição Rodrigues
Advogado Tel. 40
Castanheira de Pêra
Em PEDRÓGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras até ao meio dia

CONSULTORIO DENTARIO
A. MARTINS NUNES
DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS
Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia
Praça **JOSÉ MALHOA** Figueiró dos Vinhos
Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro
Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Joaquim J. Fernandes
Médico Municipal
Clínica geral
Doenças das crianças
Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira
Médico da Casa do Povo
Doenças de Pulmões — Partos
Clínica Geral
— Consultório e residência: —
Praça José Malhoa.

João Leal da Silva Tendeiro
Médico Veterinário Municipal
Clínica Geral
Operações e Vacinações
Figueiró dos Vinhos

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE — **LISBOA**
Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

PEDRA
Vende-se qualquer quantidade para obra, e em grande parte já aparelhada para esquinhas, portas e janelas.
Jerónimo R. Pinhão

VENDE Madeira de castanho para construções, parreiras e latadas.
Abílio David dos Reis e sua mãe D. Albertina Quaresma David.

VENDAS A DINHEIRO
Preços Fixos
A Casa do GUSTAVO
apresenta aos Ex.mos Fregueses a mais alta novidade em cortes e diferentes gostos em crepes da China para vestidos lisos, estampados e lavrados, e o crepe próprio para casamentos, tanto nacional como estrangeiro.
Organdins lisos e lavrados, tobralcos, um colossal sortido em artigos leves para verão, padrões escolhidos para esta casa. Completo sortido em meias finas Kálio, Pyramide e outras marcas todas sem defeito. Panos para lençol cor e branco camisas para homem, camisas «Limpopo» - venda com garantia - colar indeformável
Chapeus de cabeça, peugos para homem e criança. Todos os ex.mos noivos e famílias que precisem comprar os vossos enxovais, com uma pequena despesa vêm a Figueiró dirigidos ao Estabelecimento do GUSTAVO, onde encontrarão o sortido completo que lhes é preciso para esses fins.
Verificar sempre o nosso sortido e confrontar os nossos preços
GUSTAVO GOELHO GODET
Figueiró dos Vinhos

Carreira de Camionetes
ENTRE
Castanheira de Pêra e Lisboa
DE
BARREIROS & PINAZ
Garage **AUTO-LYZ**
Rua da Palma — Lisboa

EMPRESA DE CAMIONAGEM
A. J. ALVES & C.ª
Maças de D. Maria
HORARIO DAS SUAS CARREIRAS
Pontão - Pombal
às Terças, Quintas e Domingos

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

Cabaços - Coimbra
DIARIA — (excepto aos Domingos)

	Chegada	Partida
Cabaços	—	6,45
Alvaiázere	7,00	7,05
Pontão	7,50	8,00
Coimbra	9,30	16,30
Pontão	18,00	18,10
Alvaiázere	18,55	19,05
Cabaços	19,20	—

(Não se efectuam nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval).
A carreira **Cabaços-Coimbra**, de 16 de Maio a 30 de Setembro, sai de Coimbra meia hora mais tarde. 24-12

A propósito de dois factos

Wendell Willkie ex-candidato à presidência da república dos Estados Unidos da América do Norte, após o resultado das eleições em que ficou eliminado por Roosevelt, felicitou o seu rival, o seu chefe.

— Wendell Willkie passou em Lisboa com destino a Londres, incumbido por Roosevelt de uma missão importantíssima.

Eis dois factos recentes que foram relatados pelos jornais.

Mas o que os grandes cotidianos não vos apontaram foi o seu conceito, de veras importante. O que eles não vos disseram foi exactamente o que deviam dizer-nos a nós portugueses.

Esta ausência de qualquer referência ao que eles significam, numa época em que a prodigiosa inteligência latina, o *fósjoro* latino, se debate com uma vontade educada e persistente, com a *técnica*, levounos, juntamente com o desejo de salientar o elevado nível de educação do grande povo americano, grande por aquilo que mais propriamente o torna grande—a civilização—a dizer alguma coisa.

Movidos, pois, por estas duas razões, a nosso ver suficientes para justificarem estas linhas, desejamos modestamente, não preencher essa lacuna de referências, aqui invocada como razão destas, porque para tanto nos falta autoridade, mas apenas chamar a atenção dos leitores para os factos e convidá-los a sinceramente meditar um pouco na sua emanente virtude, no que de elevado eles encerram.

Depois de grande propaganda eleitoral, depois de uma luta em que certamente desejava vencer, Willkie foi vencido por Roosevelt.

Mas a sua derrota não o amesquinhou, não o conduziu cobardemente a isolamento ou a tentativas de acções negativas, não o levou ignóbilmente a malquerenças, a ódios, a vinganças. E a circunstancia de Willkie ter sido vencido por uma diferença relativamente minima de votos, classifica-o, incontestavelmente, um rival de valor, um homem que quasi venceu. Chegou-se mesmo a admitir a hipótese de ser ele o futuro presidente.

E' pois um politico de força. Mas nem por isso foi menos correcto. Pelo contrario, felicitou o seu vencedor.

Poderíamos pensar, todavia, na faisidade dessa congratulação, na mera cortesia, na hipócrita diplomacia, se não conhecessemos o civismo americano. Mas, por outro lado, a attitude de Roosevelt encarregando-o de uma missão tão delicada, indica-nos a confiança que depositou no seu caracter, nesse belo padrão de educação cívica, padrão que Roosevelt é também, afinal, pois o considerou um colaborador indispensável, enviando-o à Europa.

Wendell Willkie, o politico dos Estados Unidos mais populares depois de Roosevelt, acaba, portanto, de manifestar a sua educação, os seus principios, em dois actos dignos da nossa profunda admiração.

E' precisamente essa educação «símbolo» da grande nação norte-americana, que permite a esse povo a manutenção dum regimen que no dizer de Mussolini, é o dos povos ricos e das épocas normais. São precisamente principios como esses que dão à Inglaterra, por exemplo, a possibilidade da formidável resistência que tem oferecido.

E' essa a educação dos povos que, como o inglês, se virem, no momento critico da sua existência, como um só homem gigantesco, num estado nitidamente totalitário, concebido pela brutal exigência das

Grácil,
Foi a tarde em que ela vinha
Num andar de quem flutua,
A descer a minha rua,
Com altivez de rainha.

Grácil,
Foi esse breve sorriso
Quasi a medo, imperceptível,
Que veio tornar possível
Transportar-me ao paraíso.

Do «Veleiro da Saudade» — no prelo

Um trecho de D. H. Lawrence

Eles atravessaram os campos e chegaram à densa mata de pinheiros.

— Entramos? perguntou elle.

— Queres?

— Quero.

Aí a obscuridade era maior e as folhas agudas dos pinheiros picavam-na no rosto. Ela tinha medo. Paulo estava silencioso e estranho.

— Eu gosto da obscuridade, disse elle gostaria que ainda fosse maior... O' boa e densa obscuridade!

Parecia que ela já não era para elle uma pessoa; nada mais que uma mulher. Ela tinha medo.

Paulo apoiou-se ao tronco de um pinheiro e envolveu-a nos braços. Ela abandonou-se, mas era um sacrificio que lhe inspirava um sentimento de horror. Este homem despreocupado, de voz pastosa, era para ela um estranho.

Mais tarde começou a chover. Os pinheiros tinham um cheiro activo. Paulo, estendido, com a cabeça sobre a caruma, ouvia o ruído da chuva que caía, um ruído cadenciado e agudo. Tinha o coração lasso e pesado.

Agora, compreendia que Miriam não estivera inteiramente com elle, que a sua alma se conservara a distancia com uma espécie de desgosto.

Sentia uma paz física e nada mais. Com o coração desolado, muito triste e muito terno, passeava os dedos, com um gesto de piedade, por sobre o rosto de Miriam. Agora, ela começava a amá-lo profundamente. Ele era terno e belo.

— Chove, disse Paulo.

— Sim. Estás molhado?

Ela tateou lhe os cabelos e os ombros para ver se as gotas de chuva tinham caído sobre elle. Amava-o profundamente. Paulo, com a cara encostada às folhas mortas dos pinheiros, sentiu-se extraordinariamente calmo. Pouco lhe importava a chuva; gostaria de ficar aí e deixar-se encharcar. Sentia que nada tinha importância, que a sua vida se condensava num mais além próximo e delicioso. Esta maneira estranha e doce de se mergulhar na morte era nova para elle.

— Precisamos de regressar, disse.

— Sim, respondeu, mas permaneceu imóvel.

Para elle, agora, a vida não era mais do que uma sombra; o dia, uma sombra branca; a noite, a morte, o silêncio e a quietude eram o «ser». A vida a inquietação, a actividade era o «não ser». Mas não havia nada de mais belo do que embrenhar-se nas trevas e deixar-se embalar, identificado com o Supremo Ser.

— Chove, disse Miriam.

Paulo levantou-se e ajudou-a.

— E' pena, disse.

— O quê?

— Partir. Sicto-me tão tranqüilo...

— Tranqüilo? repetiu ela.

— Tranqüilo como nunca me senti na vida.

Paulo começou a andar com a mão dela na sua. Miriam apertava-lhe os dedos, sentindo uma ligeira inquietação. Ele parecia distante e Miriam tinha medo de perdê-lo.

Sons and lovers

circunstancias, arrancando ao adversário elegias à sua vontade disciplinada, à sua tenacidade; são esses os principios dos povos civilizados, dos povos educados, dos povos que, mesmo sem o *fósjoro* criador, sabem, no entanto, lapidar, dando-lhe corpo, as ideias, *fósjóricas* negligentemente embaladas em sonhos nostálgicos de uma vida quimérica. Mais, Willkie acaba, praticamente, de dar um exemplo, uma primorosa lição a muitos politicos que

existem, infelizmente, como aqueles seres que a Natureza alimenta e que, não tendo ainda hoje, dada pela cência, uma razão de existência relativamente defendida, só servem para «desafinar», para «demolir».

Que vos parece, caros leitores, a meditação neste exemplo, nesta lição que Willkie gratuitamente nos dá?

Qual seria o resultado, illustres compatriotas, dum simples exame de consciência?

Grácil,
Foi o assomo à janela,
E o levantar da cortina
E essa imagem divina
Que estava por detrás dela.

Grácil,
Foi a voz dizendo: — Sim.
Foi a certeza vivida
De sentir de novo a vida
A renascer dentro em mim.

FERNANDO AUGUSTO

MINA

Oito menos um quarto. Ouve-se o apito da mina avisando que o trabalho vai começar e que os homens do turno da meia noite devem preparar-se para sair.

Tomo o café à pressa. Monto na bicicleta e vou pedalando pela estrada acima. As lojas da vila estão ainda fechadas, apenas uma ou outra tem as portas abertas. Encontro camponeses que vão para o campo com enxada ao ombro, mulheres com cestos de estrume à cabeça, e uma ou outra pessoa de fato domingueiro à espera da camioneta.

Passo pela casa da Malta, espécie de «República» dos mineiros onde vivem em promiscuidade umas poucas de famílias. Sai fumo por uma janela de rés do chão; olho para dentro: escuro como breu. A porta da casa um homem está rachando lenha. Lá de dentro vem o vagido de uma criança.

Continuo pedalando estrada fora. Deixou para traz as ultimas casas da vila. Há agora uma recta, depois uma pequena subida, depois novamente uma recta. Oigo o comboio, que se aproxima resfolegando. Vai passar ao meu lado e apita prolongadamente avisando as passagens de nível. O apito tem um som angustioso e lugubre que põe uma nota triste na manhã luminosa. Passa, a toda a velocidade. Volta o soçêgo aos campos marginaes.

Vem agora a grande subida. Depois corto à direita e sempre em descida até à mina. Desço. Há pinheirais dum lado e doutro. Vem o sol de frente e dá à estrada uma aparência feérica: parece uma lista de ouro sobre um pano negro. Não travo. A bicicleta adquire uma velocidade enorme. Tenho a sensação dos carrouséis dos lunaparkes.

Ao fundo um grupo de homens vem subindo. Negros sobre o ouro da estrada, em contra-luz. Andar molengão, pesado, desanimado. Passo por eles. Dou os bons dias. Responderem com ar aborrecido, como por obrigação. Olho-os. Todos macilentos, encovados, olheiras fundas, caras sujas, barba crescida, fatos e botas e chapéus cobertos de lama. Todos enlameados, como toupeiras. Toupeiras.

Entraram à meia-noite para a toca. A galeria está a duzentos metros de profundidade. O turno da meia-noite trabalha até às oito da manhã. Consecutivamente. Que a mina não pode parar. Não dormiram. Por isso veem ensonados e tristes.

O trabalho é duro, segundo dizem. Muitos deles tuberculizam. Ganham pouco. Vivem mal. Saem da mina e vão ainda para os campos trabalhar as terras, para conseguirem ganhar mais. Tem mulher e filhos, ranchos de filhas a sustentar. Andam mal alimentados. Vivem sem higiene. Trabalham de mais. Tuberculizam. Bem lhes bastava a faina da mina. Mas tem terras a cultivar.

Morrem famílias inteiras. Cinco irmãos conheci eu, fortes como atletas. Só resta um, tuberculoso e ainda trabalha. Há de morrer mais dia menos dia.

Passam por mim outros grupos de mineiros. Os mesmos fatos, as mesmas caras, a mesma miséria.

A bicicleta entra o portão da mina. Subo a alameda de eucaliptos, desço. Começa o meu trabalho.

André Valmar

Um aspecto do problema da cultura

A cultura nunca nos interessou, como o objectivo último a atingir na formação do homem.

Se a cultura física, para nós, não tem só a finalidade de formar corpos belos, mas sim o fortalecimento do homem através do aumento da sua capacidade de produção e da passibilidade, de resistência às doenças, o mesmo pensamos a respeito da formação espiritual.

Cultivar-se o homem pelo prazer da aquisição dum espirito bem apetrechado é puro narcisismo que sempre havemos de combater.

Vemos na cultura um meio, o instrumento mais eficaz para tornar o homem apto a actuar sobre o ambiente.

Por isso somos verdadeiros interessados no melhoramento integral do homem, devemos procurar facultar-lhe uma cultura viva e actuante e assegurar-lhe a profundidade e a continuidade indispensáveis para a obtenção dum resultado perdurável.

Só então poderão surgir diante d'ele, já liberto de illusões e preconceitos, os problemas que o oprimem vistos debaixo do seu verdadeiro aspecto e despidos de roupagens mystificadoras, e simultaneamente as suas reais scições e o caminho para elas.

Waldemar Cardoso

UMA CARTA

Ex.º Senhor

A exemplo do que tem feito outras terras do País, igualmente desfavorecidas de nome, vimos sugerir a V. Ex.º como naturais e residentes numa das mais belas regiões de Portugal, a vantagem, não só por uma questão de beleza, mas até por uma condição de progresso, de dirigirem uma petição a Sua Excelência o Ministro do Interior, assinada pelos habitantes dessa povoação à beira da estrada e que conduz à capital ao Norte e ao Estrangeiro, tão bem situada e tão rica de natureza, solicitando autorização para a mudança do nome de Chavelho, que na verdade é destituído de todo o gosto e até um pouco irrisório, para outro nome mais condizente com a beleza da região, e que V. Ex.ºs escolheriam, como por exemplo: Vale de Figueiró, ou outro qualquer que melhor encontrassem, para o que abririam um plebiscito entre os naturais, inspirando-se em qualquer assunto local, igreja, fonte, riacho, tradição histórica, nome de pessoa ou familia illustre aí nascida, etc. Outras terras o tem feito, como: Vale de Ladrões, que passou a chamar-se Valefor; Cova-de-ôlho, que se chama hoje Vale de Mar; Porealhota, que tem actualmente o nome de Amadora; Aldeia Galega, que é chamada Montijo, apenas por iniciativa dos seus naturais.

Achando-se essa terra representada na capital pela Casa de Figueiró dos Vinhos, seria um lindo gesto, da parte de todos os conterrâneos, apoiados pelo seu jornal, de que V. Ex.º é mui digno Director, tentar mudar o nome de Chavelho em outro mais condizente com a beleza da terra, o que daria certamente motivo para regozijo e solididades que proporcionariam um maior desenvolvimento local, tornando-a conhecida de todo o País.

Aí fica o alvitro, e os nossos antecipados agradecimentos.

A BEM DA NAÇÃO

Ruy Ferreira

Lisboa 31-5 941.